MARIA TEREZA SILVEIRA

A ESTÓRIA DO URUBU REI

ILUSTRAÇÃO, EDIÇÃO, REVISÃO E PROJETO GRÁFICO
RAFAEL BRUNO DA ROCHA
FRANCISCO QUEIDSON SOUSA
(IMAGENS GERADAS POR IA)

REVISÃO GERAL E IMPRESSÃO
SECULTBC

Maria Tereza Silveira

Nascida na cidade de Bela Cruz/CE no dia 16 de outubro de 1954, filha de Manoel Messias Silveira e Rita Natália Carvalho, concluiu o ensino fundamental e médio no Instituto Imaculda Conceição, na cidade de Bela Cruz-CE. Cursou o ensino superior e pós-graduação na Universidade Vale do Acaraú (UVA), no curso de Estudos Sociais.

Trabalhou em várias áreas da educação, como diretora e coordenadora de escolas públicas, assim como professora de ensino infantil, fundamental e ensino médio. Posteriormente, trabalhou na Biblioteca Municipal Prof. Nicácio, da cidade de Bela Cruz fazendo o que mais gosta, incentivar o hábito da leitura em todas as faixas etárias.

MARIA TEREZA SILVEIRA

A ESTÓRIA DO URUBU REI

ILUSTRAÇÕES E PROJETO GRÁFICO

Rafael Bruno da Rocha
Francisco Queidson Sousa
(Imagens geradas por IA)

REVISÃO GERAL E IMPRESSÃO
Secretaria da Cultura de Bela Cruz - SECULT BC

2ª Edição - 2024

Dedico esse livro ao meu querido neto
Pedro Roger e meus lindos sobrinhos
Pedro e René.

Foi ouvindo estórias através da oralidade imemorial dos tempos em que eram contadas ou lidas para crianças que comecei a amá-las, principalmente as de reinos e princesas, sempre o bem vencendo o mal, e um final feliz. Isto despertou em mim a vontade de aprender a ler para poder ler o que tanto gostava de ouvir. Com o aprendizado da leitura veio também a fascinação por livros.

Lia tudo que chegava as minhas mãos. Os livros me seduziram de tal maneira que me tornei uma romântica incorrigível, apaixonada por livros e contadores de estórias. **Apesar da evolução dos tempos, ainda creio ser este o melhor caminho para criar bons leitores**.

E assim, esse livro foi pensado durante muito tempo, com muito carinho, através do contato diário com crianças e jovens e da vontade de deixá-lo escrito para as crianças de hoje e as que ainda virão. Apesar de já ser avó, ainda existe dentro de mim uma criança que adora estórias de reinos encantados, príncipes, princesas e fadas boas e más. Se existe em você essa criança nunca a deixe morrer, seria cruel!

"Quando partir levarei comigo uma grande biblioteca"

Tereza Silveira

Era uma vez...

1ª Parte

Contam que antigamente viviam um rei, sua rainha e seus súditos na mais perfeita paz e felicidade. Tudo corria muito bem no reino, todas as crianças iam à escola, obedeciam a seus pais e mestres, tratavam com educação seus coleguinhas.

Somente uma tristeza havia neste reino, o rei e a rainha não tinham filhos, um herdeiro que lhes garantisse a continuação de tanta paz e alegria.

Numa morna tarde de verão, a rainha e suas damas de honra estavam passeando pelos arredores do palácio e pararam às margens de um pequeno riacho que corria entre as pedras para refrescarem os pés. A rainha sentada à margem do riacho olhava para o céu, deleitando-se com a beleza das nuvens brancas que passavam no límpido azul do céu formando as mais belas e estranhas figuras.

Um urubu planava para lá e para cá também aproveitando a beleza do céu naquela tarde. De repente a rainha deu um longo suspiro e disse:

– Ó meu bom Deus, dê-me um filho, nem que seja um urubu.

A partir daquele momento, a rainha descobriu que estava esperando um bebê, então a alegria foi geral, todos torciam para que o futuro rei nascesse lindo e sadio, bondoso e inteligente.

Quando chegou o grande dia, foram convocadas todas as parteiras do reino, para que ajudassem a rainha trazer seu filho ao mundo. Mas grande foi a surpresa ao nascer, não uma linda criança, mas um urubu.

Ao recuperar-se do susto, a rainha lembrou-se de seu estranho pedido e criou seu filho urubu com todo amor e carinho que toda criança merece. Passavam-se os anos e o urubu-rei tornava-se cada vez mais inteligente e desenvolvido. Brincava, voava, divertia-se nos jardins e arredores do palácio.

Tudo corria muito bem, quando certo dia, o urubu-rei amanheceu triste e sem querer comer. A rainha como toda mãe, estava muito preocupada com o filho e lhe perguntava a toda hora:

– O que tens? Estás doente? Porém não obtinha resposta, só o silêncio e a tristeza do filho que a cada dia aumentava um pouco mais.

Certo dia, depois de muita insistência da mãe, do pai e das amas, o urubu-rei respondeu:

– Quero casar!

– Quer o que? Perguntou a rainha boquiaberta e ouviu novamente:

– Eu quero casar!

A rainha angustiada e ao mesmo tempo feliz, vendo a possibilidade de cura do filho nesse casamento, foi imediatamente falar com o esposo:

– Rei, meu Senhor, seu filho deseja casar-se...

– Deseja o quê? Perguntou o rei mais espantado ainda.

– Casar-se! Disse a rainha...

O rei depois de tanto pensar e dialogar... Eureca! Veio a ideia.

– Já sei, querida! Existe aqui no reino um velhinho muito pobre que possui três filhas. Iremos pedir a mão da mais velha para nosso filho.

Dirigiram-se apressadamente à casa do ancião. Lá chegando causaram maior reboliço na vizinhança:

– O que o rei e a rainha vieram fazer na casa deste pobretão? Perguntavam-se os curiosos.

O rei e a rainha entraram na humilde choupana para conversar com o dono, que solícito apresentou-se para ouvi-los.

Então veio a proposta:

– Senhor, estamos aqui para pedir a mão de sua filha primogênita em casamento.

O ancião ficou pasmo, mas não podia negar ao rei esse honroso pedido, além do mais, sua filha passaria a ser uma princesa, futura rainha, respondeu-lhes:

– Pedido aceito!

Passaram-se então os dias mais movimentados de todo o reino na preparação do casamento: enxoval do noivo e da noiva, festa, convidados e tudo mais... Chegou o grande dia, tudo na mais perfeita ordem. Depois da cerimônia veio a festa que durou três dias.

À noite, os noivos se recolheram ao belo quarto para eles preparado. A festa lá fora continuava. No dia seguinte muito cedo a rainha já estava ansiosa para saber os detalhes da noite de núpcias, nada dos recém casados abrirem a porta.

Já era meio dia, quando não aguentando mais a curiosidade a rainha mandou que arrombassem a porta. Oh! Que desgraça! Estava a noiva morta em seu leito e o urubu triste, empoleirado no braço de uma cadeira.

Depois do cerimonial de sepultamento e luto da princesa, o urubu-rei voltou a ser alegre e brincalhão como sempre fora.

Durante algum tempo, o reino voltou à normalidade, a paz, a alegria.

Novamente, em um dia chuvoso de inverno o urubu-rei não saiu para brincar, ficou empoleirado em sua cadeira, não quis comer.

E como da primeira vez, sua mãe preocupada e aflita com a saúde e o bem-estar de seu filho voltou a perguntar-lhe:

– Filho, o que tens?

Sem muitos rodeios, ele respondeu:

– Quero casar!

A rainha levou um grande susto e disse:

– O que, casar?!

– Sim, minha mãe, quero casar-me novamente.

A rainha mãe respondeu-lhe:

– Esqueça, se você quisesse uma esposa não teria matado a sua.

Mas com o passar dos dias, a tristeza do urubu-rei só aumentava. A rainha procurou o marido e disse-lhe:

– Meu senhor, nosso filho está muito doente e vai morrer se não casar-se novamente.

O rei ficou furioso. Depois pensando melhor resolveu procurar o velhinho novamente:

– Meu bom senhor, venho novamente a sua casa pedir-lhe a mão de sua segunda filha em casamento para meu filho. O velho ficou em prantos:

– Não faça isso, por favor; ele vai matá-la também.

O rei disse: – Não se preocupe, eu me responsabilizarei com o que acontecer a ela.

E como ordem de rei não se desobedece, o pai teve que ceder.

Como da primeira vez, foram feitos os preparativos, todo reino ficou no maior reboliço e também no maior blá, blá, blá sobre a tragédia que se anunciava antecipadamente.

Chegou então o grande dia, a festa foi igual a primeira. Muita música, muita comida e bebida. Celebraram-se as núpcias no jardim do castelo, todo ornamentado das mais lindas flores silvestres.

Cedo da noite, os noivos recolheram-se para o imenso quarto nupcial do castelo. Como da outra vez ao amanhecer do dia, a porta continuava fechada, enquanto lá fora a festa continuava. Então novamente a porta foi arrombada e oh! Nova tragédia, a noiva morta e o noivo encarapitado no braço de sua cadeira preferida.

Parou a festa; deu-se início ao funeral da noiva. Seu pai e sua irmã caçula choravam desesperadamente com o triste acontecimento.

Após os dias de luto, o reino voltou à normalidade. O urubu-rei comia, divertia-se nos arredores do castelo o dia todo, planava no céu azul para lá e para cá.

Meses depois, o urubu-rei amanheceu profundamente triste, empoleirado no braço de sua cadeira não saía para brincar, para comer, nada. Novamente interrogado pela mãe, respondeu:

– Preciso casar-me!

A mãe dessa vez quase desmaia de tanto susto e preocupação. Então lhe disse:

– Dessa vez você morre de tristeza, mas não iremos pedir a mão de nenhuma jovem para você matá-la.

Corria no reino a notícia da tristeza e a iminente morte do urubu- rei. Foi quando a jovem caçula do velhinho disse:

– Papai vou apresentar-me no palácio e irei casar-me com o urubu-rei. O pai rogou-lhe por tudo e todos. Tentou impedir essa loucura de todos os meios, mas a jovem estava decidida, sem pensar muito, rumou para o castelo. Lá chegando, fez-se anunciar ao rei e disse para que viera.

– Rei, venho de livre e espontânea vontade aceitar seu filho urubu como meu esposo.

O rei atônito perguntou-lhe: – Você tem certeza do que está fazendo?

A jovem respondeu que sim.

– Você está preparada para a tragédia que aconteceu com suas irmãs?

– Sim, respondeu a jovem.

Então começaram novamente os preparativos para o dia do casamento. Todos fofocavam nas calçadas, nas praças, em todos os lugares por antecipação sobre o que iria acontecer; alguns diziam:

– Essa moça está louca.

Enquanto os comentários rolavam à solta pelo reino, os cortesãos trabalhavam como formigas, para no grande dia estar tudo na mais perfeita ordem.

Chegou o dia das núpcias, todos do reino, inclusive o rei e a rainha estavam apreensivos, com muito medo do que poderia acontecer.

A jovem preparava-se tranquila. Sua preocupação era estar muito bonita nesse dia inesquecível para as noivas. Comprou porém, uma navalha e na hora em que estava sendo vestida, penteada, maquiada escondeu-a dentro da roupa.

A festa acontecia como sempre: muita música, comidas, bebidas, shows pirotécnicos.

A noiva não cabia em si, mostrando uma falsa alegria. Mas no seu íntimo o desejo de vingança, corroía sua alma. À noite apesar de a festa continuar, os noivos recolheram-se para seu quarto, o maior e mais bonito do castelo. A noiva despiu-se com ajuda de suas amas e o urubu-rei empoleirou-se no braço de sua cadeira preferida. Enfim sós...

A noiva deitou-se em seu leito e fingiu dormir. O urubu vigiava seu sono. De repente ele pulou em cima de sua noiva para matá-la. Ela que só fingia estar dormindo, passou a navalha em seu pescoço. Imediatamente o urubu-rei transformou-se em um lindo rapaz que abraçou e beijou calorosamente sua esposa. Foi amor a primeira vista entre ambos.

Quando já se anunciava a aurora pelo cantar dos pássaros, o príncipe disse a sua esposa:

– Meu encanto ainda não acabou, você vai manter nosso segredo até o fim. Quando a luz do sol se for, virarei gente, quando ela voltar, serei novamente um urubu até que o segredo possa ser revelado.

Prometa-me que não o contará a ninguém!

Ela prometeu apaixonadamente; mas sua euforia foi tão grande que logo que viu sua sogra, foi logo dizendo.

– Seu filho não é um urubu e sim um lindo moço, que fora encantado por uma bruxa muito má, que invejava vossa bondade e vossa beleza.

As duas saíram correndo para o quarto onde ficara o jovem príncipe repousando. Ao entrarem, ele levantou-se de um salto e olhando sua mãe e sua amada esposa com os olhos cheios de lágrimas disse-lhe:

– Ingrata, não conseguiste guardar nosso segredo por isso vais sofrer muito. Se ainda quiseres me ver, terás que calçar sapatos de ferro, vestido de aço, usar bastão e ir ver-me em Torres de Barro Amarelo. Num piscar de olhos desapareceu, deixando as duas aos prantos.

2ª Parte

"Amigos, não fiquem tristes, pois essa estória ainda terá um final feliz!"

Passado o desespero de todos com o desaparecimento do príncipe, sua esposa apresentou-se ao rei, seu sogro e pediu-lhe;

– Mande fabricar meus sapatos de ferro, meu vestido de aço e meu bastão, que irei até o fim do mundo se preciso for, reencontrar meu amado esposo.

Tudo pronto, partiu a princesa rumo ao seu destino: Torres de Barro Amarelo.

Andou meses e meses peregrinando por todos os reinos e ninguém sabia onde ficava esse lugar. Caminhava a passos lentos, já cansada, atravessando uma imensa floresta, quando encontrou uma pequena choupana.

Bateu palmas e surgiu lá de dentro uma velhinha que muito curiosa perguntou-lhe:

– Que fazes aqui nesse fim de mundo, minha pequena? Aqui não vive ninguém, apenas eu e minha filha.

A princesa respondeu:

– Ando a procura do reino de Torres de Barro Amarelo.

A velhinha mandou que ela entrasse, ofereceu-lhe uma pequena cuia d'água e disse-lhe:

– Espere minha filha chegar, talvez ela saiba.

Não demorou muito e o sol começou a se deitar deixando uma fogueira atrás de si. Um leve friozinho que aos poucos ia aumentando invadia a pequena choupana.

Então a velhinha que era a mãe da lua disse-lhe: – Venha, vou escondê-la de minha filha. Quando ela chegar lhe perguntarei, amanhã depois que ela se for, lhe darei a resposta.

Escondeu a princesa dentro de um grande pote de barro e trancou a porta do quarto à chave.

Na manhã seguinte depois que a lua se foi e o sol voltou a brilhar, a velhinha abriu a porta do quarto, tirou a princesa de dentro do pote e disse-lhe:

Sinto muito, minha linda menina, mas minha filha que conhece esse mundo quase todo, nunca ouviu falar desse lugar. Mas espere, não se vá ainda, pois tenho algo para lhe dar.

Entrou em seu quarto e quando voltou trazia nas mãos um lindo tecido cor do luar. Deu-lhe de presente dizendo-lhe:

– Guarde - o muito bem que lhe vai ser útil na hora certa.

Despediram-se. A princesa seguiu sua peregrinação por rios e vales, quando novamente encontrou em meio a um vale muito florido, uma casinha de sapé muito bonitinha, com um jardim bem cuidado.

Chegando como da outra vez, foi batendo palmas e falando alto:

– Olá! Tem alguém aí?

De dentro, saiu uma senhora muito limpa e arrumada, que ficou pasma com a estranha visita.

– Que fazes aqui, bela menina? Neste fim de mundo onde não andam seres humanos há bastante tempo.

A princesa respondeu-lhe:

– Ando à procura de um reino chamado Torres de Barro Amarelo.

Então a senhora respondeu-lhe:

– Eu não o conheço, mas espere meu filho chegar, então saberemos se ele o conhece. Daí a pouco, começou a aumentar o calor a ponto de ficar insuportável, pois a casa onde a princesa se encontrava era a casa do sol, o astro-rei.

A senhora sua mãe disse-lhe:

– Venha, vou protegê-la de meu filho e depois saber se ele conhece esse reino.

Levou-a para um quarto onde havia uma grande bacia cheia de água gelada e disse:

– Deite-se nesta água e não saia até eu vir chamá-la.

Deixou-a só e trancou a porta do quarto.

Na manhã seguinte, quando a senhora abriu a porta do quarto, a temperatura havia voltado ao normal. A mãe do sol, muito compadecida do sofrimento da bela princesa disse-lhe:

– Minha filha, não tenho boas notícias para você, meu filho nunca ouviu falar desse reino, mas espere um pouco, tenho um presente para você. Deu-lhe, então, um pano da cor do sol, tão brilhante que não se podia olhar sem ofuscar a vista.

A princesa seguiu novamente sua peregrinação atravessando reinos, florestas infestadas de seres estranhos: duendes, bruxas, sacis, etc. e também seres benéficos às florestas: curupiras e fadinhas ecológicas.

Depois de meses de caminhada, já perdendo as forças, os pés em brasa de tantos ferimentos causados pelos sapatos de ferro; o

corpo todo lenhado pelo vestido de aço, as mãos calejadas pelo bastão, novamente encontrou uma linda casa em meio a uma floresta ainda intacta sem o contato humano, onde apenas poucos e tímidos raios de sol filtravam sua tênue luz pela densa vegetação.

Como das outras vezes não viu ninguém em torno da casa e gritou:

– Olá! Tem alguém aí?

De repente a imensa porta de madeira trabalhada da frente da casa abriu-se e surgiu uma velhinha muito magra, mas de olhos brilhantes com um largo sorriso de bondade e mansidão nos finos lábios. A admiração e surpresa pela presença daquela linda jovem, toda ferida naquelas ermas paragens, fizeram a velha senhora ficar por algum tempo hipnotizada.

Passado o espanto, ela cuidou para que a jovem entrasse em sua casa, deu-lhe água, comida, banho, cuidou de suas feridas, amenizando- lhe um pouco o sofrimento. Depois da jovem saciada e cuidada ela lhe perguntou:

– Diga-me o que anda a procura nesse fim de mundo?

A jovem contou-lhe sua triste e linda estória. A velhinha então lhe disse:

– Encha seu coração de alegria e esperança, pois meu filho, o vento, conhece todos os reinos desse mundo, sem ser visto, apenas sentido. Não demorou muito aquela brisa leve, começou a aumentar tornando-se ventania.

A mãe do vento chamou-a para um quarto onde havia um tronco bem fincado no chão e muitas cordas. Amarrou bem a jovem,

fechou a porta do quarto. Lá, de onde estava a jovem, podia sentir a fúria do vento, zunindo e quebrando galhos de árvores até acalmar-se e voltar a ser apenas uma leve brisa.

Para surpresa da jovem, a mãe do vento veio chamá-la:

– Venha conversar com meu filho, ele já está bem calmo e não oferece mais perigo algum.

Desamarrou-a e levou-a à presença do filho que lhe respondeu:

– Conheço, sim, Torres de Barro Amarelo, acabo de chegar de lá, inclusive o reino está em festa, pois o príncipe casou- se novamente. Os habitantes estão muito tristes, porque a nova rainha é má e muito vaidosa.

Por favor, leve-me até lá, eu lhe imploro, pediu-lhe a princesa.

O vento disse-lhe: – Suba em minhas costas e segure-se bem.

Num piscar de olhos, o vento mostrou-se como um grande cavalo branco alado e levando a jovem em seu dorso, ora por cima da vegetação, ora por entre as nuvens. Em pouco tempo chegaram ao tão desejado destino.

– Vou deixá-la aqui, este lugar lhe será muito favorável e desapareceu deixando uma nuvem de poeira atrás de si.

O vento deixou a às margens de um rio, embaixo de uma imensa árvore que ficava próximo à cidade, de onde, todos buscavam água, inclusive, as empregadas da rainha.

Então a jovem princesa tirou do alforje o tecido cor da lua e o estendeu sobre os arbustos ali existentes. Não demorou muito chegou uma empregada do palácio com um pote na cabeça, forrado por uma rodilha de pano, para pegar água. Ao ver o lindo tecido ficou tão alucinada com a visão, que jogou o pote ao chão e esse virou cacos. Voltou correndo ao castelo. Chegando diante da falsa rainha disse-lhe:

– Minha senhora, lá no rio está uma peregrina linda demais e ainda possui um tecido tão belo, como nunca foi visto antes por

ninguém, um tecido daqueles só deve ser usado pela senhora e não por uma pobre criatura daquela. A rainha com sua imensa vaidade mandou a cortesã voltar e propor comprar o tecido. Chegando novamente ao rio correndo a bater os pés na bunda diz:

– Peregrina, quanto você quer pelo belo tecido?

Ela lhe respondeu:

– Não está à venda.

Depois de muita insistência a verdadeira princesa respondeu:

– Não vendo, mas dou de bom grado a sua rainha para ela deixar-me dormir uma noite embaixo da cama do rei.

A cortesã voltou na mesma correira que viera. A resposta da rainha má, Foi rápida e impensada, sua ganância e vaidade falaram mais alto e mandou de volta a resposta afirmativa:

– Sim, que venha às seis horas em ponto e nós daremos um jeito no rei para que durma profundamente e na madrugada, antes do seu despertar, a mandaremos embora.

Novamente correndo a cortesã, fechou o negócio, levando consigo o tão cobiçado tecido. Às seis horas em ponto chegou à moça e foi levada aos aposentos do rei às escondidas, com ordens expressas de não falar coisa alguma, nem sair de debaixo da cama.

Lá pela meia noite, hora em que o rei costumava recolher-se em seus aposentos para dormir, sua atual esposa cheia de mimos e voz melosa, pessoalmente ofereceu-lhe um chá de ervas dormideiras. O rei achou estranha aquela delicadeza toda por parte da rainha, que sempre exigia ser servida com todas as

honrarias, mas tomou o chá e dormiu tão profundamente que não escutou durante a madrugada sua primeira e legítima esposa repetir três vezes:

– Oh! Meu amor! Não te lembras de que me disseste que se quisesse te ver, teria que calçar sapatos de ferro, vestir vestido de aço, usar bastão e te encontrar em Torres de Barro Amarelo? Aqui estou!

Antes do rei despertar como havia sido combinado, a rainha-má e vaidosa, colocou a jovem pra fora do quarto e a mandou embora.

Chegando novamente à beira do rio, lugar onde se refugiara, a jovem colocou sobre a relva macia o tecido cor do sol, que ganhara de presente da mãe do astro-rei. O tecido resplandecia tanto que ofuscava a vista de quem ia chegando para pegar água.

Não demorou muito, chegou a empregada do castelo, com seu pote de barro sobre uma rodilha de pano na cabeça. Ao ver a beleza do tecido, ficou tão atordoada que o pote espatifou-se no chão como da outra vez e voltou voando ao castelo:

– Rainha, minha senhora! - estava tão esbaforida que demorou a falar - A peregrina colocou hoje sobre a relva um tecido mil vezes mais bonito que o de ontem. Somente a senhora pode ter o privilégio de usá-lo. A rainha disse:

– Volta lá imediatamente e compre seja qual seja o valor pedido por ela.

A empregada voltou como veio:

– Peregrina, quanto queres por este tecido que só deve ser

usado pela rainha?

A jovem lhe respondeu:

– O mesmo preço do outro, dormir embaixo da cama do rei. Fechado o negócio a empregada voltou ao castelo entregando a preciosidade a ambiciosa e vaidosa rainha.

Tudo se repetiu como na primeira noite. O rei sonolento do chá não ouviu nada, quando a jovem repetiu por três vezes sua súplica. Antes mesmo de o sol raiar, a rainha mandou-a para fora.

Voltando ao rio, estendeu seu lindo tecido cor do vento e salpicado das cores de todas as folhas, chamando a atenção de todos que ali vinham pegar água. Os comentários espalharam-se por todo o reino, inclusive chegando aos ouvidos do rei, que ficou bastante curioso prometendo para si que no dia seguinte iria ele mesmo ver essa maravilha.

Novamente, como das outras vezes, o tecido foi negociado por uma noite embaixo da cama do rei. Aproximando-se a hora do rei recolher-se veio a falsa rainha oferecer-lhe um chá. O rei desconfiado, apenas fingiu que o tomou lançando-o fora. À meia noite, a jovem repetiu:

– Oh! Meu amor! Não te lembras de que me disseste, que se quisesse te ver, teria que calçar sapatos de ferro, vestir vestido de aço, usar bastão e te encontrar em Torres de Barro Amarelo? Aqui estou!

Na mesma hora o rei que ficara em vigília pegou-a pelo braço e a colocou em sua própria cama e abraçado a ela chorou amargamente:

– Como pude te esquecer, achar que não terias força e amor suficientes para chegar até aqui, completando assim meu desencanto e minha liberdade? Fica aqui, não sai até eu vir buscar-te.

Saindo de seus aposentos, o rei chamou seus súditos mais fiéis e disse-lhe:

– Preparem uma grande festa, chamem a melhor costureira para preparar o mais lindo vestido de noiva além de outros, e uma dama de companhia que seja fiel apenas a mim.

Os súditos não discutiram, nem perguntaram nada ao rei e começaram imediatamente a cumprir suas ordens. Trouxeram-lhe a dama, que foi levada à jovem para auxiliá-la, no mais absoluto sigilo. Contrataram os melhores músicos, cozinheiros, quituteiros e costureiros, para no menor tempo possível tudo estar pronto, como o rei havia pedido.

A falsa rainha tão absorvida estava pela vaidade de se vestir de modo único que não percebeu a movimentação do palácio.

Tudo pronto, os convidados já chegando. A falsa rainha perguntou ao rei:

– O que vais festejar?

Ele apenas respondeu:

– Na hora saberás.

Na hora do grande banquete, o rei pediu licença aos amigos e convidados para retirar-se um pouco. Quando voltou trazia consigo a bela jovem, lindamente vestida e uma coroa de

brilhantes e esmeraldas na cabeça. Atrás um cortejo formado de seus súditos mais fiéis.

Todos ficaram atônitos, tamanha era a surpresa. Diante de todos, o rei falou:

– Esta é a verdadeira rainha deste reino e do meu coração, essa outra é uma impostora, que usou de minha fragilidade para apoderar-se do que não lhe pertencia.

De repente ouviu-se um grande estouro, PUFT... Era a rainha impostora que explodira igual a um balão, de tanta raiva.

Neste momento perceberam que a falsa Rainha, era na verdade a bruxa que lhe pusera a maldição.

Receberam como presente do amigo vento a visita de seus pais, que vieram festejar com eles da maior felicidade, ver seu filho na forma humana, bom, generoso e a realização do verdadeiro amor compartilhado entre os noivos e seus súditos.

Retiraram-se para a lua-de-mel, e a festa ainda durou por três dias seguidos.

A verdadeira rainha era boa, humilde, generosa e todo povo do reino a amava muito.

Fim

Obs.: Eu fui a essa festa com meu esposo, e vinha trazendo um pote de barro cheio de doces para meu neto Pedro Roger.

Escorregamos na ladeira do quebra bunda e o pote espatifou-se junto com os cacos, ficaram os doces.

Se você não acreditou nessa linda história de amor, é porque nunca amou. Ame verdadeiramente e saberá ser verdadeiramente feliz.

O GOVERNO MUNICIPAL DE BELA CRUZ
E A
SECRETARIA DA CULTURA –
Tem a honra de publicar a segunda edição da obra literária
da Escritora
MARIA TEREZA SILVEIRA
A contadora de histórias que apaixonada por livros, acredita que a leitura pode conduzir as crianças a descobrir um novo "jeito" de convivência, a despertar para o amor e assim vencer os incentivos e os desafios da vida!

BOA LEITURA

BELA CRUZ - AGOSTO DE 2024.

Quando as roseiras do palácio florescerem e uma virgem suas lágrimas derramar, então a paz e a alegria ao castelo voltará.

Todos os habitantes do reino estavam aflitos com os últimos acontecimentos e o desaparecimento do urubu rei. O que teria acontecido com ele?

Leia, divirta-se, encante-se lendo a estória do Urubu Rei!